



A Santa Sé

VISITA PASTORAL A SÃO MARINHO E A RÍMINI

29 DE AGOSTO DE 1982

**DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II
AO «III MEETING PARA A AMIZADE ENTRE OS POVOS»**

Rimini, 29 de Agosto de 1982

Caríssimos Irmãos e irmãs

1. Sinto-me bem feliz por me encontrar aqui, no meio de vós, para concluir este terceiro "Meeting para a amizade entre os povos". Já só pronunciar estas palavras alegra o coração: "Encontro"! "Encontro de amizade"! "Amizade entre os povos"! Palavras que adquirem particular significado nestas horas, muitas vezes dramáticas, da história do mundo. Saúdo-vos por isto com a alegria dos Salmos, é a alegria mesma de Deus: "Oh! como é bom, como é agradável viverem os irmãos em boa união!" (Sl 132).

Vivemos hoje uma hora privilegiada, que é preciso compreender a fundo. Os motivos são numerosos.

2. Primeiro que tudo, estamos vivendo *um encontro*.

Cada um de vós, nestes dias, pôde fazer esta experiência. Teve encontros não só com centenas e milhares de outras pessoas que encheram as salas de audição, mas também com várias personalidades, que para aqui trouxeram o contributo da sua reflexão e da sua criatividade.

Mas este encontro foi tornado possível e quase necessário por *outro encontro*. O "Meeting" nasceu, de facto, da amizade de um grupo de cristãos desta cidade. Como soube, nasceu da paixão de comunicação, de criatividade e de diálogo, que a fé cristã, vivida integralmente, sempre traz consigo.

Sim, a fé vivida como revérbero e em continuidade com aqueles primeiros encontros que o Evangelho documenta, a fé viva como certeza e pedido da presença de Cristo dentro de qualquer situação e ocasião da vida, torna capazes de criar novas formas de vida para o homem, torna desejosos de comunicar e conhecer, de encontrar e valorizar.

O encontro com Cristo, que se renova de modo permanente na memória sacramental da sua Morte e Ressurreição, habilita e impele para o encontro com os irmãos e com todos os homens. Verdadeiramente, as palavras de São Paulo aos Tessalonicenses podem ser aqui retomadas, para conclusão e para ensinamento desta vossa tentativa: "Examinai tudo e retende o que for bom" (1 Tes 5, 21).

Tenho o gosto de que a iniciativa seja expressão da vitalidade do laicado católico na Itália: tal laicado, "consciente e activo, é riqueza inestimável para qualquer Igreja local", como eu disse aos bispos da Ligúria, a 8 de Janeiro passado (AAS 34, 1982, 96). Um laicado conhecedor, isto é consciente da comunhão que o liga a Cristo e à Igreja, e activo, isto é desejoso de exprimir na liberdade das iniciativas a beleza e a humanidade do que encontrou. Esta é a bela realidade deste *encontro*.

3. Este ano focalizastes a vossa atenção num tema particularmente estimulante: "Os recursos do homem". Vamos reflectir nisto juntos?

Em geral, recurso do homem é tudo aquilo que vem em sua ajuda no esforço para manter-se em vida e para dominar a terra. As coisas, todavia, tornam-se verdadeiramente recursos do homem só quando o homem as encontra *através do trabalho*. Através do trabalho o homem domina a natureza e põe ao seu serviço todas as coisas. Através do trabalho o homem toma cuidado da terra, usa as suas riquezas para a própria vida e ao mesmo tempo melhora e defende a terra. Apraz-me portanto verificar como o vosso tema se refere, primeiro que tudo, à grande e actual preocupação da Igreja pelo trabalho humano, que encontrou expressão também na minha recente encíclica *Laborem Exercens*. O homem, de facto, comunica com a realidade externa só através da sua interioridade. São os recursos interiores da sua mente e do seu coração a permitir-lhe elevar-se acima das coisas e dominá-las. O homem vale não pelo que "tem", mas pelo que "é". Por isso é necessário meditar com particular profundidade sobre aquele decisivo recurso do homem que é o trabalho, para compreender o momento desinteressado, puro, não utilitário, que está no fundo do trabalho humano e lhe confere o seu significado.

4. Isto porém liga-se — e demos um passo avante — com outro fundamental recurso do homem: *a família*.

O homem trabalha para se manter a si mesmo e a *própria família*. Se trabalhar é tomar cuidado do ser, colaborando na obra criadora de Deus, este princípio geral torna-se evidente e existencialmente concreto para a maior parte dos homens no facto de que, trabalhando, *o homem*

toma cuidado da pessoa dos próprios que lhe são caros. Se é certamente verdade que o homem adverte, como todos os animais, o instinto de autoconservação, é também verdade que não é justo colocar no princípio do trabalho uma intenção só utilitarista e egoísta. Também o instinto de autoconservação existe no homem em forma especificamente humana, personalista, como vontade de existir como pessoa, como vontade de salvar o valor da pessoa em si mesma e nos outros, começando pelos próprios que lhe são caros. Este facto define o limite de toda a interpretação utilitarista e economicista do trabalho humano.

O trabalho, através do qual o homem domina a natureza, é obra da inteira comunidade humana através de todas as suas gerações. Cada uma destas gerações tem a missão de cuidar da terra para a entregar, às gerações futuras, ainda e cada vez mais adaptada a ser casa do homem. Seja-me permitido recordar, neste contexto, ao menos incidentalmente, que quando se quebra o vínculo da solidariedade, que deve ligar os homens entre si e com as gerações futuras, *este cuidado pela terra vem a faltar*. E então a catástrofe ecológica, que hoje ameaça a humanidade, tem profunda raiz ética no esquecimento da verdadeira natureza do trabalho humano e sobretudo da sua dimensão subjectiva, do seu valor para a comunidade familiar e social. É encargo da Igreja chamar a atenção dos homens para esta verdade.

5. Mas é necessário descer mais em profundidade. Os recursos, embora sacrossantos e primários, de que falámos, tocam ainda, embora bastante na superfície, o homem. É necessário dar principalmente atenção *aos recursos que o homem leva em si mesmo*: na sua natureza humana, na dignidade da imagem e semelhança com Deus (cf. *Gén 1, 22*), que o homem traz impressa na essência da sua personalidade. Vêm ainda sempre à mente as conhecidas palavras do grande Santo Agostinho, de quem ontem celebrámos a festa: *Fecisti nos ad te*: "Senhor, fizeste-nos para ti; e o nosso coração está inquieto enquanto não repousa em ti" (*Conf. 1, 1*). Sim, irmãos e irmãs, fomos feitos para o Senhor, que imprimiu em nós o rasto imortal do Seu poder e do Seu amor. Os grandes recursos do homem nascem daqui, estão aqui, e só em Deus encontram a sua salvação. O homem é grande pela sua inteligência, mediante a qual se conhece a si mesmo, e conhece os outros, o mundo e Deus; o homem é grande pela sua vontade, pela qual se dá no amor, até atingir vértices de heroísmo. Sobre tais recursos encontra fundamento a aspiração insuprimível do homem: a que tende para a verdade — eis a vida da inteligência — e a que tende para a liberdade — eis a respiração da vontade. Aqui o homem atinge a sua grande, incomparável estatura, que ninguém pode espezinhar, que ninguém pode meter a ridículo, que ninguém pode tirar-lhe: a do "ser", à qual já aludi.

Este valor, próprio do homem, pelo qual cada homem é verdadeiramente homem *apoiar-se no fundamento da cultura*: é sobretudo na cultura que se manifestam os recursos essenciais do homem: como disse na sede da UNESCO, em Paris, "o homem vive uma vida verdadeiramente humana graças à cultura... A cultura é aquilo por meio do qual o homem, enquanto homem, se torna mais homem, 'é' mais, se aproxima mais do 'ser'... A cultura situa-se sempre em relação essencial e necessária com o que é o homem, ao passo que a sua relação essencial é necessária

àquilo que é o homem, ao passo que a sua relação com o que tem, com o seu 'ter' é não só secundária, mas totalmente relativa... *No âmbito cultural, o homem é sempre o primeiro dado: o homem é o dado primordial e fundamental da cultura.* Isto, o homem é-o sempre: *no conjunto integral da própria subjectividade espiritual e material.* Se a distinção entre cultura espiritual e cultural material é justa em função do carácter e do conteúdo dos produtos nos quais a cultura se manifesta, é necessário ao mesmo tempo verificar que, por um lado, as obras da cultura material fazem sempre aparecer uma '*espiritualização*' da matéria, uma submissão do elemento material às forças espirituais do homem, isto é à sua inteligência e à sua vontade e que, por outro lado, as obras da cultura espiritual manifestam, de maneira própria, uma '*materialização*' do espírito, uma encarnação do espiritual" (*Insegnamenti*, III, 1, 1980, pp. 1639 ss.).

Reparai: a cultura torna-se assim fundamento das capacidades do homem para descobrir e valorizar todos os recursos, os concedidos ao seu ser espiritual e os concedidos ao seu ser material. *Contanto que os saiba descobrir! Contanto que os não destrua!* Irmãos e irmãs, pensai na enorme responsabilidade que tendes nas mãos! Não a desperdiceis, não a descuideis! Tendes necessidade de todas as vossas forças para fazer isto. Mas sobretudo tendes necessidade d'Aquele que é a força de Deus e do homem: "Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus" (1 Cor 1, 24).

6. Eis-nos portanto no ponto focal, impreterível da questão. O maior "recurso" do homem é Cristo, Filho de Deus e Filho do homem. N'Ele descobrem-se as linhas do homem novo, realizado em toda a sua plenitude: do homem por si. Em Cristo, Crucificado e Ressurgido, desvela-se ao homem a possibilidade e o modo segundo o qual assume em profunda unidade toda a sua natureza. Aqui está, diria, o princípio unificador do vosso "Meeting", dedicado aos recursos do homem; aqui está como fio condutor entre todos os diversos momentos do vosso programa de trabalho: Cristo Ressurgido, fonte inexaurível de vida para o homem. Cristo, recurso do homem: assim quisestes anunciar a celebração do sacrifício eucarístico.

Do homem, Ele não desdenhou assumir a natureza, e não de modo abstracto, porque "se humilhou a si próprio, assumindo a condição de servo... humilhou-se a si próprio fazendo-se obediente até à morte, à morte de cruz" (*Fil 2, 7*). A humanidade de Cristo, através do mistério da Cruz e da Ressurreição, tornou-se o lugar em que o homem, vencido mas não aniquilado pelo pecado, reencontrou a própria humanidade.

Fortalecida por esta experiência, única e irrepetível, do Seu Fundador, a Igreja pode definir-se por boca de Paulo VI "experimentada em humanidade". É a este título, fundado na autoridade do Mestre e consolidado por dois mil anos de vida, que a Igreja se apresenta hoje na cena da história, desejosa de repropor ao homem o núcleo central da própria mensagem: Cristo primícia e raiz do homem novo.

Por outro lado, precisamente aqui em Rímimi, tivestes o testemunho vivo de pessoas, que se

deram plenamente a Cristo, no exercício da sua profissão, e cujo exemplo continua a irradiar cada vez mais: o engenheiro Alberto Marvelli, cuja causa de beatificação está a caminho, e o doutor Iginio Righetti, colaborador do futuro Paulo VI de venerável memória, e com ele fundador e primeiro presidente dos Laureados Católicos. Dois leigos, dois apóstolos, dois homens que sabiam como se vai buscar ao "recurso Cristo". Foram buscar para si mesmos — no trabalho interior, na oração e na vida sacramental — e deixaram para os outros um modelo e uma chamada.

7. Falar de Cristo como recurso do homem é testemunhar que ainda hoje os termos essenciais da civilização são de facto, de modo consciente e inconsciente, referidos ao acontecimento de Cristo, tornado anúncio quotidianamente confessado pela Igreja.

O homem de hoje está fortemente empenhado em reformular a relação com o mundo que o circunda; com a ciência e com a técnica. Quer descobrir recursos sempre novos para a sua vida e para a convivência entre os povos; tende a realizar um processo que todos desejariam pacífico e a exaltar a arte como expressão da própria livre criatividade. Não obstante isto, a paz hoje está gravemente ameaçada, a ciência e a técnica correm o risco de gerar um desequilíbrio carregado de consequências negativas na relação entre o homem e homem, entre o homem e a natureza, entre nações e nações. Desta contradição, que parece insuperável porque estruturalmente ligada ao mistério do mal, é necessário que o olhar se vire "para o Operador da nossa salvação" a fim de gerar uma civilização que nasça da verdade e do amor. A civilização do amor! Para não agonizar, para não apagar-se no egoísmo desenfreado, na insensibilidade cega com a dor dos outros. Irmãos e irmãs, construi, sem nunca vos cansar, esta civilização!

É a indicação que hoje vos deixo. Trabalhai por isto, rezai por isto, sofrei por isto!

E com tais votos, a todos vos abençoo, no nome do Senhor.